

SAÚDE MENTAL NA HIPOSSUFICIÊNCIA ECONÔMICA MENTAL HEALTH IN ECONOMIC HARDSHIP

¹ Hellen Lima e Silva

RESUMO

O presente trabalho teve como tema a Saúde Mental na Hipossuficiência Econômica. O objetivo geral do trabalho foi indicar de que modo a Saúde Mental é afetada pela hipossuficiência econômica. A metodologia empregada foi a revisão de literatura, de caráter qualitativo e descritivo. A hipossuficiência econômica está intimamente ligada ao desenvolvimento de transtornos mentais devido ao estresse crônico, falta de acesso a serviços de saúde mental e exposição a ambientes prejudiciais. Isso pode levar ao surgimento ou agravamento de condições como depressão, ansiedade e abuso de substâncias. A pobreza também pode criar um ciclo negativo, dificultando a busca por emprego, relacionamentos saudáveis e tratamento adequado, devido ao estigma social associado. É essencial que os profissionais de psicologia reconheçam e abordem essa interação complexa, fornecendo intervenções sensíveis ao contexto, garantindo acesso equitativo aos serviços de saúde mental e lutando por políticas que enfrentem as causas estruturais da pobreza e da desigualdade. Desse modo, a psicologia tem um papel essencial em promover o bem-estar e diminuir as desigualdades sociais. Ao adotar uma abordagem sensível ao contexto, os psicólogos podem contribuir de maneira significativa para criar uma sociedade mais equitativa e inclusiva, onde todos tenham a chance de alcançar o sucesso, não importando sua situação financeira.

Palavras-chave: Pobreza. Saúde Mental. Psicologia.

ABSTRACT

This study focused on the theme of Mental Health in Economic Hardship. The general objective was to indicate how mental health is affected by economic hardship. The methodology employed was a qualitative and descriptive literature review. Economic hardship is closely linked to the development of mental disorders due to chronic stress, lack of access to mental health services, and exposure to harmful environments. This can lead to the emergence or worsening of conditions such as depression, anxiety, and substance abuse. Poverty can also create a negative cycle, making it difficult to seek employment, maintain healthy relationships, and access appropriate treatment due to the associated social stigma. It is essential for psychology professionals to recognize and address this complex interaction by providing context-sensitive interventions, ensuring equitable access to mental health services, and advocating for policies that address the structural causes of poverty and inequality. Thus, psychology

¹ Graduada em Psicologia pela Faculdade Anhanguera. Pós-graduanda em ABA Aplicada ao Autismo (UniMinas), Terapia Cognitivo Comportamental (UniMinas), Psicopatologia (UniMinas) e Transtornos Alimentares, Obesidade e Cirurgia Bariátrica (UniMinas). Capacitada em Psicologia e Cirurgia Bariátrica: do preparo ao pós-cirúrgico (TLM). E-mail: Hlsuff@gmail.com.

plays a crucial role in promoting well-being and reducing social inequalities. By adopting a context-sensitive approach, psychologists can significantly contribute to creating a more equitable and inclusive society, where everyone has the opportunity to succeed regardless of their financial situation.

Keywords: Poverty. Mental Health. Psychology.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca compreender e ressaltar como a hipossuficiência econômica pode gerar danos e/ou agravar os mesmos. Tal situação pode gerar ou agravar danos, uma vez que, a pessoa que se encontra na hipossuficiência econômica tem poucos recursos. Esta situação é bastante comum no Brasil, visto que, a pobreza se revela como questão de primeira ordem em nosso país. Por isso se faz necessário retratar um assunto tão delicado e pouco abordado em nossa sociedade.

Os indivíduos que se encontram na hipossuficiência econômica, ou na pobreza, usando um vocabulário mais comum, muitas vezes não possuem condições para realizar atividades além do básico para sobreviver. Não possuem condições para educação, saúde, lazer, bem-estar social, entre outros. Sobrevivem com o mínimo. Dessa forma, não tem contato com a Psicologia em si que muitas das vezes está inserida na saúde ou bem-estar social. Acaba que a Psicologia é vista como luxo e não algo necessário para uma vida mais equilibrada.

Por meio da observação das privações inerentes à pobreza, pode-se observar as consequências que a mesma traz para seus indivíduos. Como exemplo, a inserção no mundo das drogas ilícitas, a manutenção e agravamento da violência, traumas, depressão, ansiedade, entre outros. A Psicologia tem um papel importantíssimo nesse contexto para evitar alguns fatos e melhorar o estilo de vida daqueles que moram na margem da pobreza. Por isso se faz necessário que a Psicologia seja inserida e apresentada a esse meio. Pergunta-se: De que modo a hipossuficiência econômica influencia no desenvolvimento de transtornos mentais na atualidade?

O objetivo geral do trabalho foi indicar de que modo a Saúde Mental é afetada pela hipossuficiência econômica. Busca-se, desse modo, compreender os desafios impostos pela hipossuficiência econômica para a saúde mental. Tal tema se faz necessário, uma vez que, a hipossuficiência é de grande tamanho em nosso país e isso afeta diretamente a saúde mental dos indivíduos, os quais passam por ela. Será dada a devida importância para esses indivíduos que muitas vezes passam

despercebidos diante dos olhos da sociedade, como também, para a saúde mental dos mesmos, os quais por muitas vezes tem difícil acesso a mesma.

É de suma importância conhecer essa realidade que se faz tão presente, para que possa abranger o conhecimento de mais pessoas em relação ao tema. Visto que a saúde mental é tão importante e necessária quanto a importância dada à saúde física e os cuidados básicos de um ser humano, por isso se faz relevante esse estudo. Entender, também, as consequências que a hipossuficiência traz aos mesmos, como traumas, desenvolvimento tardio, facilidade para a entrada no meio criminal, como outros fatores.

Tal pesquisa pode contribuir para a comunidade acadêmica uma vez que irá estudar a realidade de uma classe que não tem acesso às informações sobre saúde mental, trazer informações e dados para a instituição. Pode-se também juntar-se à comunidade e realizar trabalhos sociais para levar aos hipossuficientes as informações sobre a importância da saúde mental, realizar parcerias com as Unidades Básicas de Saúde, entre outras.

A metodologia aqui utilizada foi uma revisão de literatura, sendo a mesma qualitativa e descritiva. Foram pesquisados livros, artigos científicos publicados nos últimos dez anos, os quais foram buscados nos seguintes sites: SciELO, Catálogo de Teses e Dissertações e Scholar, dissertações e teses com a mesma base dos artigos. As palavras chaves foram: “hipossuficiência”, “pobreza”, “psicologia”, “psicologia na pobreza”.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Como dito por Gurovitz e Albernaz (2002), a pobreza é um fenômeno multidimensional, que pode ser entendido como uma cadeia completa de privações no qual se vivencia a escassez de bens, até uma camada simbólica onde se encontram questões de ordem política e ideológicas. É fato que no Brasil não estamos distantes dessa cadeia completa de privações. Vivemos em uma realidade onde a pobreza e a desigualdade social chamam bastante atenção.

É nítido que a baixa renda per capita, o desemprego, a fome e a precariedade de condição de moradia, situações de miséria, saúde e higiene pessoal desencadeiam uma gama de consequências prejudiciais ao bem-estar físico, quanto psicológico. Essa desigualdade e exploração dos mais vulneráveis é algo que já permeia há

séculos causando consequências. Consequências as quais influenciam em nossa sociedade. Como exemplo, o desenvolvimento humano tardio, geração e manutenção da violência, aumento no uso de drogas ilícitas, entre outros.

Quanto à pobreza, podemos ressaltar a era do pré-capitalismo europeu, onde a mesma era vista como algo comum e divino. Ou seja, as pessoas eram destinadas à classe em que nasceram. Aqueles que nasciam em famílias sem títulos e patrimônios assim deveriam permanecer até o fim da vida, no lugar tal qual pertenciam (Andrade, 1989). Porém, com as mudanças nos modelos econômicos, a pobreza passou a ser vista com outros olhos.

Naquela época afirmava que as pessoas pobres são geralmente expostas a variadas formas de discriminação, sendo concebidas como criminosas, violentas, culpadas pela sua situação de pobreza, vagabundas, sujas, doentes e causadoras de mazelas sociais (Moura, 2016, p. 76-83).

A partir dessa descrição devemos entrar com o olhar clínico da Psicologia. A população pobre muitas vezes é excluída de certos espaços em razão da sua situação. Sendo assim, privados de esferas políticas e sociais. O sujeito em vulnerabilidade social é, portanto, aquele que demanda assistência e se encontra excluído das esferas sociais sejam elas de ordem simbólica, material ou geográfica (Almeida; Pinto; Cardoso, 2021). Portanto, se faz necessário o olhar clínico a essa população para amenizar suas dores.

Como dito no CFP (2005), o psicólogo contribuirá para promover a universalização do acesso da população às informações, ao conhecimento da ciência psicológica, aos serviços e aos padrões éticos da profissão. Desta forma, a psicologia exerce um papel social. Um papel que independente da classe social, a mesma deve este acesso de informações para a mesma. Entretanto, a psicologia se faz necessária no âmbito da pobreza desde a formação de identidade até a vivência social.

É de suma importância ressaltar que a identidade de um ser humano pode ser vivenciada por meio das constantes transformações que ocorrem nas relações sociais, como também, de ordem biológica. Sendo adquirida durante o desenvolvimento proporcionada ao sujeito. Diante disso, podemos dizer que o indivíduo molda sua identidade ao decorrer da vida por meio de fatores que ocorrem, os quais fazem com que ele mude de pensamentos e comportamentos, se adaptando a sua realidade. O indivíduo, então, é uma atividade humana que molda sua identidade social e pessoal.

É propício dizer que, no cenário de desigualdade social, aqueles mais vulneráveis sofrem com a formação de sua identidade. Uma vez que, a possibilidade de recursos é limitada pela sua posição social baixa. Dessa forma, o indivíduo é limitado quanto aos materiais e intelectual. Sendo tais limitações a culpa da baixa potencialidade e formação de personalidade.

A identidade que é moldada dentro de uma realidade opressora é uma constante luta de sobrevivência social, biológica e psicológica. É uma identidade que não os integra socialmente, mas os mantém individualizados, dentro do coletivo. Em uma eterna tentativa de resistir o dia-a-dia.

Conforme a Declaração de Direitos Humanos (1948, Art. XXV) nos diz:

Toda a pessoa tem direito a um nível de vida suficiente para lhe assegurar e à sua família a saúde e o bem-estar, principalmente quanto à alimentação, ao vestuário, ao alojamento, à assistência médica e ainda quanto aos serviços sociais necessários, e tem direito à segurança no desemprego, na doença, na invalidez, na viuvez, na velhice ou noutros casos de perda de meios de subsistência por circunstâncias independentes da sua vontade.

Porém, nossa realidade está bastante distante do papel do estado e das políticas públicas. É nesse meio que é essencial o trabalho do psicólogo, visto que o indivíduo não está preparado completamente para outros meios em que não vive. Ele se acostumou com a escassez e todos os malefícios que a mesma traz.

Muitos dos vulneráveis entram para o mundo das drogas para esquecer sua realidade, outros começam a traficar para garantir uma vida melhor, algumas crianças têm seu desenvolvimento tardio em razão da falta de suplementos necessários, entre outros. Portanto, é essencial a psicologia nas políticas públicas. Como o CREAS (Centros de referência Especializado de Assistência Social), por exemplo.

É essencial para que possa abranger a população que se encontra na hipossuficiência econômica e atender suas demandas. Sejam eles de transtornos, vícios, desenvolvimento, falta de informação, entre outros. Conforme as referências técnicas apontam, o atendimento psicossocial realizado no CREAS tem um efeito terapêutico na medida em que o psicólogo busca compreender o sofrimento dos sujeitos e suas famílias em situações de violação de direito, visando a autonomia dos sujeitos e às mudanças que impactam na superação da realidade vivida (CFP, 2012).

Em contrapartida,

têm-se as discussões que retratam a dificuldade de atuação do psicólogo frente a determinadas características das populações pobres, seja a crítica

advinda de correntes clínicas que apontam o baixo nível intelectual da população como empecilho para o trabalho, seja a baixa consciência e articulação política da população pobre que dificultaria um trabalho de organização comunitária, entre outros (Dantas, Oliveira, Yamamoto, 2010, p.104-111).

Ou seja, é necessário um olhar clínico peculiar com esta população de baixa renda. Um trabalho diferente para que possamos alcançar melhores resultados e evitar o que tem surgido através dela, como a violência, os vícios, abusos, traumas, entre outros.

Por meio de uma psicologia séria e centrada no problema, podemos nos aproximar dessa realidade que às vezes se torna tão distante da gente e realizar um trabalho gratificante. Por meio da psicologia é possível compreender a realidade do outro e trabalhar em cima dela para obter melhorias. A hipossuficiência econômica precisa de um olhar clínico cuidadoso e que caminhe junto a ela.

Segundo Sapolsky (2005), a situação precária de pobreza tem impactos significativos na saúde. Isso se reflete no acesso limitado a serviços de saúde de qualidade, adoção de estilos de vida menos saudáveis, como o tabagismo, mais prevalente entre indivíduos com menor renda e educação, e um aumento notável nos níveis de estresse. Estar em condição de pobreza significa estar exposto a um maior estresse, experimentar emoções negativas e viver em um ambiente potencialmente tóxico. A pobreza se manifesta em diversas situações, como privação de sono devido a múltiplos empregos, dificuldades financeiras para cobrir as despesas, uso de transporte público congestionado, residência em áreas com alta poluição e realização de trabalhos árduos sob controle de terceiros. Mesmo entre primatas, aqueles com menor controle sobre seu ambiente social estão mais suscetíveis a doenças quando expostos a vírus, como evidenciado em estudos.

Os estresses associados à pobreza ajudam a explicar a menor expectativa de vida observada em grupos menos privilegiados. Nos Estados Unidos, por exemplo, a expectativa de vida ao nascer é de 78 anos para indivíduos brancos em média, enquanto para os negros é de 73 anos. Além disso, a pobreza contribui para uma correlação curiosa, mas frequente, entre inteligência e saúde. O risco associado a um baixo QI, equiparado ao da obesidade ou hipertensão arterial, decorre em parte da menor probabilidade de indivíduos com QI baixo pararem de fumar após a conscientização dos riscos, aumentando assim a chance de morte por câncer de

pulmão. Os estresses e a falta de controle, típicos da condição de pobreza, também são fatores contribuintes (Myers, 2014).

Segundo Silva e Santana (2012), os distúrbios psicológicos acarretam consequências significativas que afetam a sociedade como um todo. O impacto econômico e social desses distúrbios se reflete em diversos aspectos, como a diminuição do capital humano, a redução da mão de obra qualificada e educada, o comprometimento da saúde e do desenvolvimento global das crianças, o aumento do desemprego, o surgimento de problemas como violência, criminalidade, falta de moradia e pobreza, a mortalidade precoce, a fragilização da saúde, o desemprego e as despesas adicionais para os membros familiares.

Os resultados de uma situação financeira instável podem ser uma das principais razões por trás dos desafios significativos no desenvolvimento das crianças, desde o momento do nascimento até a idade adulta. Crianças criadas em ambientes financeiramente desfavorecidos comumente enfrentam maiores obstáculos no desenvolvimento físico e cognitivo, afetando áreas cerebrais que são essenciais para habilidades como linguagem, alfabetização, desempenho escolar e progresso social. A disparidade social tende a exercer pressão sobre o ambiente familiar, levando ao desemprego, escassez de recursos alimentares e, conseqüentemente, ao estresse, tristeza e irritabilidade dos pais, o que pode resultar em desestruturação familiar (Silva; Leite, 2023).

Nesse contexto, Godoy (2020) afirma que, de acordo com uma pesquisa conduzida pela APA - Associação Americana de Psicologia, a principal fonte de estresse para a maioria das pessoas é o dinheiro. Os problemas financeiros têm um impacto adverso na saúde geral, especialmente na saúde mental dos indivíduos. Da mesma forma, a saúde mental influencia significativamente a situação financeira das pessoas.

Consequências imprevisíveis e difíceis de quantificar no progresso humano, especialmente entre os menos privilegiados, são desencadeadas pelo desemprego, tais como desnutrição, aumento da mortalidade infantil, redução da educação, abandono de crianças, índices de suicídio elevados, casos de violência doméstica e conflitos étnicos (Ammann, 2014).

A pobreza e a exclusão social frequentemente levam também ao rompimento dos laços sociais e essas experiências afetam os indivíduos, resultando em isolamento e solidão devido à fragilização dos vínculos familiares, comunitários e

institucionais. Além disso, destaca-se a naturalização desses processos, que leva à estigmatização dos afetados e à transformação de direitos em favores. Ao abordar a desqualificação social, acrescentam-se mais elementos à compreensão dessa dimensão subjetiva. Tal processo representa uma gradual exclusão do mercado de trabalho de camadas crescentes da população, o que confere à pobreza assistida características distintas em diferentes fases. A desqualificação social começa com fragilidade, avança para dependência e culmina na ruptura dos laços sociais entre os beneficiários de políticas de assistência (Gonçalves, 2013).

Magalhães et al. (2021) discutem a origem dos problemas de saúde mental através das perspectivas *etic* e *emic*. A abordagem *etic* enfoca causas biológicas universais, enquanto a *emic* considera aspectos culturais específicos. O texto adota uma visão biopsicossocial da saúde e doença, reconhecendo influências culturais nas manifestações de saúde. Problemas de saúde mental resultam de múltiplas causas, incluindo dimensões biológicas, emocionais, sociais e culturais. Eles podem se manifestar desde a infância e adolescência, afetando a adaptação ao desenvolvimento. É destacada a importância de diagnósticos e intervenções precoces, dado que muitos distúrbios mentais se iniciam cedo, impactando negativamente na produtividade e educação.

As questões relacionadas à saúde mental podem alterar emoções e comportamentos, o que pode levar a impulsividade e consequências negativas em diversas áreas da vida. Indivíduos altamente estressados, com sintomas de depressão ou ansiedade, tendem a ter dificuldades na gestão financeira devido à intensificação de sentimentos como medo, ansiedade e preocupação, prejudicando a tomada de decisões. Por outro lado, as dificuldades financeiras complicam ainda mais a recuperação de problemas de saúde mental. De acordo com um relatório do Money and Mental Health Policy Institute, pessoas com altos níveis de endividamento têm três vezes mais chances de enfrentar problemas graves de saúde mental. O mesmo estudo revelou que 93% das pessoas com problemas de saúde mental gastam mais do que o habitual, 92% têm dificuldade em tomar decisões financeiras e 74% procrastinam o pagamento de contas (Godoy, 2020).

Além dos elementos estruturais, como gênero, etnia, renda, educação e ocupação, também há fatores situacionais que contribuem para o aumento do risco de problemas de saúde mental. É comum que as pessoas relatem que eventos significativos em suas vidas precederam o surgimento desses problemas. Estudos

indicam que muitas vezes o que torna esses eventos significativos é o desencadeamento de sentimentos de humilhação ou de estar sem saída. A humilhação geralmente está ligada à perda de um vínculo importante, como uma separação conjugal, ações delituosas de pessoas próximas, como a prisão de um filho, ou situações percebidas como uma diminuição do status social perante a comunidade (Brasil, 2013).

Magalhães et al. (2021) consideram que as habilidades socioemocionais, como ter um propósito de vida e cultivar confiança, desempenham um papel crucial na mediação da ligação entre vulnerabilidade social e questões de saúde mental. Fatores sociais e demográficos, como desigualdade econômica e carência de recursos financeiros, tendem a influenciar o surgimento de violência e a desintegração dos laços familiares e comunitários, além de afetarem negativamente a saúde mental. Além disso, esses fatores podem comprometer a eficácia de políticas públicas em comunidades marginalizadas. No Brasil, por exemplo, há evidências de que residir em áreas afetadas pela violência está associado a dificuldades emocionais e comportamentais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise detalhada sobre a complexidade da pobreza e suas ramificações sociais, econômicas e psicológicas, torna-se evidente a necessidade premente de um olhar clínico diferenciado por parte dos profissionais de psicologia. A pobreza não é apenas a ausência de recursos materiais, mas também uma teia intrincada de privações que afetam o bem-estar físico, psicológico e social dos indivíduos que a vivenciam.

A história da pobreza, desde os tempos pré-capitalistas até os dias atuais, revela não apenas suas raízes profundas, mas também as diferentes formas como é percebida e enfrentada ao longo do tempo. Seja na atribuição de estigmas sociais às pessoas em situação de vulnerabilidade, seja na luta por políticas públicas que possam mitigar seus efeitos, a pobreza é um fenômeno que exige uma abordagem holística.

A psicologia desempenha um papel crucial nesse contexto, oferecendo suporte emocional, identificando traumas e promovendo a resiliência em comunidades marginalizadas. No entanto, é necessário reconhecer os desafios específicos que os

psicólogos enfrentam ao trabalhar com populações de baixa renda, incluindo questões de acesso, consciência política e estigmatização.

Além disso, a interseção entre pobreza e saúde mental não pode ser ignorada. O estresse crônico associado à pobreza pode levar a uma série de problemas de saúde física e mental, exacerbando ainda mais as desigualdades existentes. É imperativo, portanto, que as intervenções psicológicas considerem não apenas os aspectos individuais, mas também os contextos sociais e econômicos em que os clientes estão inseridos.

Diante dessas considerações, evidencia-se que a psicologia desempenha um papel vital na promoção do bem-estar e na redução das disparidades sociais. Ao adotar uma abordagem sensível e contextualizada, os psicólogos podem contribuir significativamente para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, onde todos tenham a oportunidade de prosperar, independentemente de sua condição econômica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. F.; PINTO, M. A. P.; CARDOSO, L. F. V. Os impactos da vulnerabilidade social na construção da subjetividade. **Psicologia e Saúde em debate**, v. 7, n. 2, p. 48-65, 2021.

AMMANN, S. B. **Expressões da pobreza no Brasil**: análise a partir das desigualdades regionais. São Paulo: Cortez, 2014.

ANDRADE, R. C. Política e pobreza no Brasil. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, p. 107-122, 1989.

BRASIL. **Cadernos de Atenção Básica**. Saúde Mental. 2013. Disponível em: https://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cadernos_atencao_basica_34_saude_mental.pdf. Acesso em 29 mar. 2024.

DO PSICÓLOGO, **Código de Ética Profissional**. Conselho Federal de Psicologia. Brasília, 2005.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA – CFP. **Referências técnicas para Práticas de Psicólogos(os) no Centro de Referência Especializado da Assistência Social – CREAS**. Brasília: CFP, 2012.

DANTAS, C. M. B.; OLIVEIRA, I. F.; YAMAMOTO, O. H. Psicologia e pobreza no Brasil: produção de conhecimento e atuação do psicólogo. **Psicol. Soc.**, v. 22, p.104-111, 2010

CRESPO, A. P. A.; GUROVITZ, E. A pobreza como um fenômeno multidimensional. **RAE eletrônica**, v. 1, p. 1-12, 2002.

GODOY, T. **A estreita ligação entre saúde financeira e saúde mental**. Infomoney, set. 2020. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/colunistas/thiago-godoy/a-estreita-ligacao-entre-saude-financeira-e-saude-mental/>. Acesso em 30 mar. 2024.

GONÇALVES, M. G. **Psicologia, subjetividade e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 2013.

LANE, S. T. M.; CODO, W. **Psicologia Social: O homem em movimento**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

MAGALHÃES, J. et al. Vulnerabilidade social e saúde mental de crianças e jovens: relato de dois estudos longitudinais brasileiros. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, v. 21, n. 2, jul./dez. 2021.

MARX, K. **O Capital**, São Paulo, Nova Cultural, Os economistas, 1985.

MYERS, D. G. **Psicologia Social**. Porto Alegre: AMGH, 2014.

MOURA JR, J. F. XIMENES, V. M. A identidade social estigmatizada de pobre: uma constituição opressora. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 28, p. 76-83, 2016.

ONU, Comitê de Redação da Declaração Universal dos Direitos Humanos. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948.

SAPOLSKY, R. Sick of poverty. **Scientific American**, v. 293, n. 6, pp. 93-99, dez. 2005.

SAWAIA, B. B. Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, p. 364-372, 2009.

SILVA, F. S.; LEITE, B. M. O. Os impactos da desigualdade social na saúde mental e seus efeitos no desenvolvimento infantil: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Foco**, v. 16, n. 6, e2111, p.01-16, 2023.

SILVA, D. F.; SANTANA, P. R. Transtornos mentais e pobreza no Brasil: uma revisão sistemática. **Tempus - Actas de Saúde Coletiva**, 2012.

YAMAMOTO, O. H. Questão social e políticas públicas: revendo o compromisso da Psicologia. **Psicologia e compromisso social**, v. 2, 2003.